

C. S. PACAT



HERDEIRO DAS
TREVAS

SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Armas

Confinamento

Luto e perda

Morte

Racismo

Rapto

Sangue e cenas gráficas

Tortura

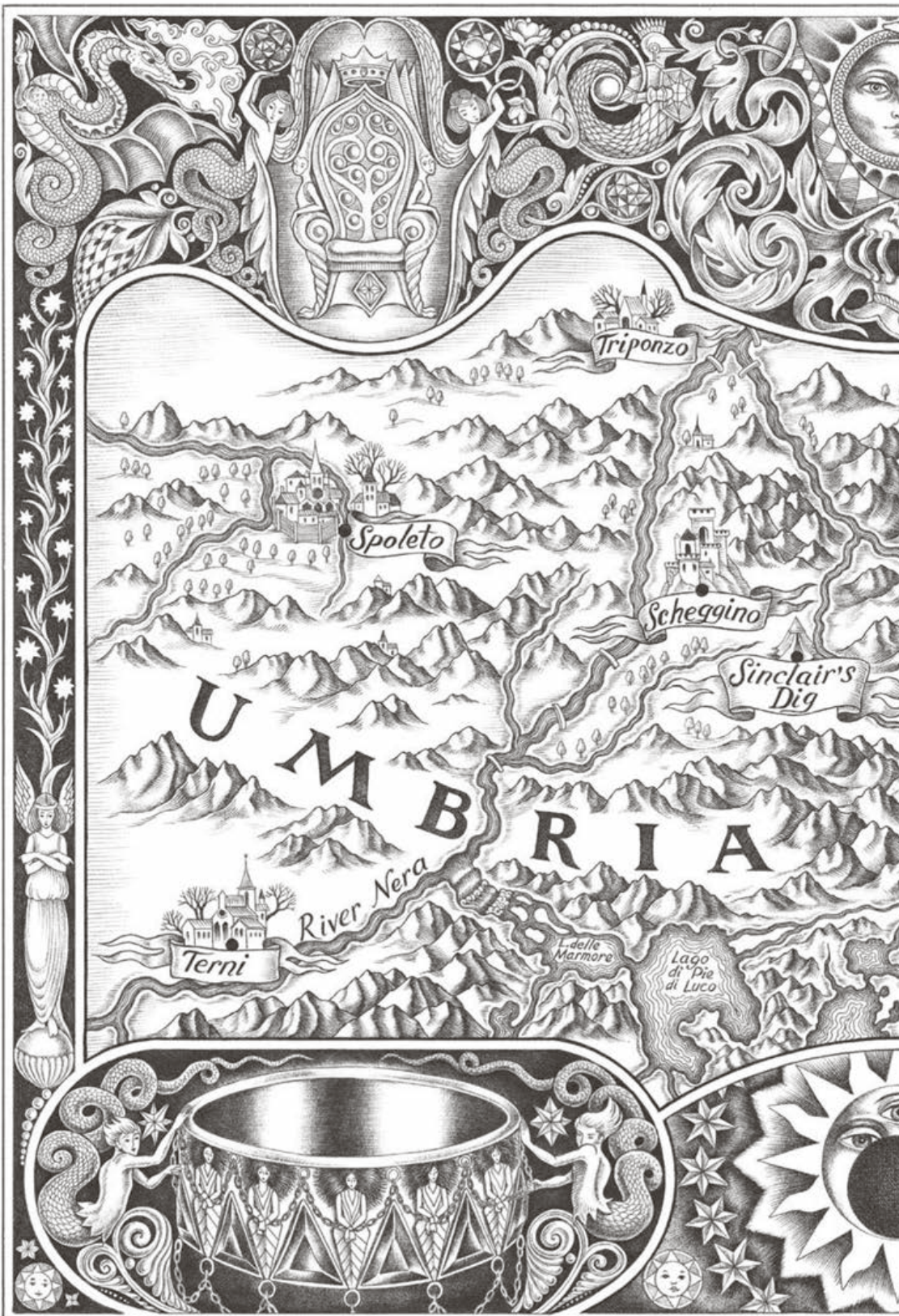
Trauma

Violência

Para o Johnny Boy.

*Entraste de rompante
e mudaste a minha vida.
Vou ter saudades tuas.*







Mount
Coscerno

The Leap of Faith

Sinclair's Dig

Undahar

A MAP OF THE
Valnerina, Umbria,
1821
ALSO CALLED THE BLACK VALLEY
Scheggino & The River Nera
Mount Coscerno & The Sinclair Dig
faithfully reproduced

Dramatis Personae

Em Londres

OS RENASCIDOS

WILL KEMPEN

O Rei das Trevas renascido.

JAMES ST. CLAIR

Cresceu a acreditar que era um Guardião e descobriu a sua verdadeira identidade aos 11 anos: era a reencarnação do general mais letal do Rei das Trevas, Anharion. Fugiu da Fortaleza dos Guardiões para ajudar Sinclair na sua missão de fazer reviver o Rei das Trevas. Descobriu mais tarde que Anharion tinha sido um guerreiro da Luz, escravizado pelo Rei das Trevas graças a um colar mágico. Quando Will matou Simon e devolveu o colar a James, este jurou-lhe lealdade.

OS DESCENDENTES

A Linhagem dos Leões

VIOLET BALLARD

Filha de John Ballard e da sua amante indiana, Violet foi levada para Londres pelo pai. Enquanto fugia de Sinclair com Will, descobriu que possuía o sangue dos Leões e que o pai a criara para que o seu meio-irmão, Tom, a matasse num ritual que o ajudaria a alcançar ao seu «verdadeiro poder», apenas acessível depois de assassinar outro Leão. Violet jurou que não serviria o Rei das Trevas, como os seus antepassados.

TOM BALLARD

Meio-irmão de Violet e o seu mentor e protetor durante a infância. Tom trabalha para Sinclair e marcou-se com o S para provar a sua lealdade. Tem uma relação íntima com outro membro da pseudocorte de Sinclair: Devon, o último unicórnio.

JOHN BALLARD

Pai de Violet e Tom, trabalha para Sinclair.

A Linhagem dos Guardiões

CYPRIAN

Era um noviço a poucas semanas de se submeter ao teste para se tornar Guardião quando o seu irmão, Marcus, sob a forma de sombra, atacou a Fortaleza e massacrou os seus habitantes. Agora, Cyprian é o último dos Guardiões, mas não chegou a beber do Cálice.

MARCUS

Irmão de Cyprian, estava numa missão com o seu aliado, Justice, quando foi capturado por Sinclair. Este manteve-o aprisionado até a sua sombra o possuir, altura em que o libertou na Fortaleza dos Guardiões.

JUSTICE

É o campeão e o melhor guerreiro dos Guardiões. Resgatou Violet e Will do navio de Simon, o Sealgair, e levou-os para a Fortaleza. Quando o seu aliado, Marcus, se transformou numa sombra e atacou a Fortaleza, Justice morreu a lutar contra ele.

EUPHEMIA, A ANCIÃ

A Anciã tentou treinar Will para ser um defensor da Luz, mas morreu antes de o treino estar concluído. Derrotou Marcus no seu ataque à Fortaleza e depois pediu a Cyprian que a matasse antes que a sua sombra a possuísse.

JANNICK, O GRANDE JANÍÇARO

Pai biológico de James e pai adotivo de Cyprian e Marcus. Como líder dos janízaros (o escalão não militar dos Guardiões), era um homem de grande conhecimento, mas também de padrões exigentes. Foi morto por Marcus no massacre da Fortaleza.

GRACE

Foi uma das duas únicas sobreviventes do ataque de Marcus. O seu papel como janíçara da Anciã confere-lhe conhecimento único e acesso aos segredos da Fortaleza.

SARAH

Foi a segunda sobrevivente do ataque de Marcus. Janíçara cuja função era cuidar das plantas da Fortaleza.

A Linhagem da Senhora

KATHERINE KENT

Pressionada pela família para conseguir um casamento favorável, ficou noiva de Simon Creen, filho do conde de Sinclair. Quando descobriu que Simon andava a matar mulheres, fugiu para a Fortaleza com a sua irmã, Elizabeth. Katherine morreu em Bowhill, depois de descobrir que Will era o Rei das Trevas e de brandir Ekthalion para o desafiar.

ELIZABETH KENT

Com 10 anos, acompanhou a irmã, Katherine, até à Fortaleza dos Guardiões, onde descobriu que possuía o sangue da Senhora quando tocou na Árvore de Pedra, durante o ataque do Rei das Sombras.

ELEANOR KEMPEN

Mãe de Katherine e Elizabeth. Abandonou-as para as esconder de Sinclair e, em vez disso, criou Will como seu filho, sabendo que ele era o Rei das Trevas. Tentou assassiná-lo antes de morrer.

A Linhagem do Rei das Trevas

EDMUND CREEN, CONDE DE SINCLAIR

Um dos homens mais ricos de Inglaterra, com um império comercial que se estende por todo o mundo. Sinclair é o líder de uma pseudocorte de descendentes com poderes do mundo antigo.

SIMON CREEN, LORDE CRENSHAW

Filho e herdeiro do conde de Sinclair, Simon planeou o regresso do Rei das Trevas, matando todos os descendentes da Senhora, incluindo a mãe de Will. Foi morto por este em Bowhill.

PHILLIP CREEN, LORDE CRENSHAW

Filho mais novo do conde de Sinclair, herdou o título de lorde Crenshaw após a morte do seu irmão, Simon.

No mundo antigo

SARCEAN, O REI DAS TREVAS

Rei das Trevas e líder do exército das sombras. Jurou regressar após a sua morte e ordenou aos seus seguidores que se suicidassem para renascerem com ele.

ANHARION, O TRAIADOR

O maior guerreiro da Luz, mudou o rumo da guerra quando trocou de lado para lutar pelo Rei das Trevas. Era conhecido como o Traidor, mas estava sob o domínio de um colar mágico.

A SENHORA

As lendas dizem que amava o Rei das Trevas e depois o matou. Quando este morreu e jurou voltar, ela deu à luz uma criança, para que a sua linhagem sobrevivesse e pudesse enfrentá-lo quando ele reencarnasse.

DEVON

O último unicórnio. Foi capturado quando os humanos caçaram os unicórnios quase até à extinção, e cortaram-lhe a cauda e o chifre. Para sobreviver, Devon transformou-se num rapaz. Milhares de anos depois, faz parte da pseudocorte de Sinclair.

VISANDER

Um campeão do mundo antigo.

Prólogo

Uisander acordou engasgado. Sentia um aperto no peito. Não tinha ar. Tossiu e tentou inspirar. Onde estava?

Abriu os olhos. Estava cego, não via nada. Era indiferente ter os olhos abertos ou fechados. O pânico fê-lo erguer os braços e tentou levantar-se, mas acabou por bater na madeira a poucos centímetros da cara. Não conseguia sentar-se. Não conseguia respirar, e o nariz estava obstruído pelo cheiro frio e pesado da terra.

Instintivamente, bateu o chão à procura da sua espada, Ekthalion, mas não a encontrou. *Ekthalion. Onde está ela?* Os dedos rígidos e entorpecidos apenas encontraram madeira nos quatro cantos do espaço. A respiração superficial tornou-se ainda mais rasa. Estava deitado, preso numa pequena caixa de madeira. Num ataúde.

Num caixão.

A ideia provocou-lhe um arrepio de medo.

— Tirem-me daqui!

A caixa absorveu-lhe as palavras como se as estivesse a engolir. Então, ocorreu-lhe um pensamento terrível, doentio: isto

não era apenas um caixão. Era uma sepultura. Estava enterrado, e qualquer som que proferisse seria abafado pela terra que o cobria e rodeava.

— Tirem-me daqui!

O pânico intensificou-se. O que era aquilo? O seu despertar? Teria acordado numa cavidade onde ninguém o podia ver ou ouvir, onde ninguém saberia que estava vivo? Tentou recordar os momentos anteriores, fragmentos desarticulados do passado: montar o seu precioso corcel *Indeviel*; os olhos azuis e frios da rainha a observá-lo enquanto ele proferia os seus votos; a dor abrupta quando ela lhe cravou a espada no peito. *Voltarás, Visander.*

Teria sido ela a fazer-lhe isto? Não podia ser, pois não? Ele não podia ter regressado numa sepultura, não podia ter acordado enterrado na terra, certo?

Pensa. Se estivesse enterrado, haveria madeira por cima e depois terra. Teria de a partir e depois cavar. E teria de o fazer agora, enquanto ainda tinha ar e forças. Não sabia quanto oxigénio lhe restava.

Deu um pontapé no teto da sua prisão e sentiu uma dor aguda no pé. O segundo golpe foi em parte fruto do pânico. Um estalido abrupto indicou-lhe que tinha estilhaçado a madeira. Conseguia ouvir as suas inalações agudas a absorverem o pouco ar que lhe sobrava.

Craque! Outra vez. Craque! A terra derramou-se no interior como água a escorrer por uma fenda. Por um momento, sentiu a euforia do sucesso. Depois, a infiltração transformou-se num desabamento, num colapso, terra fria a encher rapidamente o caixão. Um pânico desesperado explodiu dentro de si, e levantou as mãos para cobrir a cabeça, pensando que ia sufocar. Tossiu; as partículas de pó eram tão densas que o asfixiavam. Quando a poeira assentou, o desmoronamento reduzira o seu espaço no caixão a metade.



Permaneceu deitado no espacinho sem luz que lhe restava, o coração a martelar. Recordou o momento em que se ajoelhou para fazer a sua promessa. *Serei o vosso Retornado*. A rainha tocara-lhe na cabeça enquanto ele se ajoelhava. *Voltarás, Visander. Mas primeiro terás de morrer*. Teria corrido mal? Tê-lo-iam enterrado por engano, acreditando que ele estava realmente morto? Ou teria sido descoberto pelo Rei das Trevas e enterrado a título de punição, sabendo que regressaria e ficaria preso quando acordasse?

Imaginou o prazer que o seu pânico sufocante proporcionaria ao Rei das Trevas. Que tivesse acabado enterrado vivo, o seu terror invisível, os seus gritos suprimidos, seria um prazer para aquela mente perversa. Uma centelha de ódio ganhou vida em Visander e ardeu na escuridão. Deu-lhe o impulso de que precisava; mais forte do que o seu desejo de viver era a necessidade de matar o Rei das Trevas. Tinha de sair dali.

Procurou o revestimento do peito do seu traje e rasgou o que parecia ser seda. Atou o pedaço de tecido à volta do rosto, para proteger a boca e as narinas da terra que em breve o cobriria. Depois inspirou, inalou o máximo de ar que conseguiu e, desta vez, bateu com toda a força que ainda tinha na madeira estilhaçada sobre si.

A terra desabou em cima dele, preenchendo o espaço que restava. Forçou-se a empurrar para cima, tentando escavar o solo. Não funcionou. Não conseguiu chegar à superfície, e agora a terra rodeava-o e não havia ar, apenas a pressão sufocante do chão, um fedor pútrido que ameaçava abrir-lhe caminho pela garganta.

Para cima. Tinha de chegar lá acima, mas estava completamente desorientado: rodeado de terra escura, não sabia para que lado subia ou descia; tinha de cavar, mas em que direção? O medo apoderou-se dele. Iria morrer como um verme cego, movendo-se na direção errada através da escuridão?

A dor trespassou-lhe os pulmões, sentiu-se tonto, como se tivesse inalado um vapor tóxico.

Cavar. Cavar ou morrer. Pensar no seu propósito era a única coisa que o impelia a ultrapassar o pânico, as trevas que se abatia sobre os seus pensamentos, como um túnel a fechar-se...

E depois, a sua mão avidamente estendida alcançou o exterior. Os pulmões gritaram enquanto avançava em desespero e emergia do chão lamacento num renascimento grotesco, primeiro a cara, depois o tronco, até conseguir rastejar para fora da terra.

Inspirou o ar — ar! —, respirações fortes e ofegantes que o fizeram tossir e vomitar uma substância preta, a sujidade que lhe entrara pela boca e descera pela garganta. Demorou muito tempo até parar de regurgitar, até o seu corpo convulso deixar de tremer. Tinha uma vaga consciência de que era de noite, de que havia relva sob os seus pés, ramos despídos sobre a cabeça. Deitou-se sobre a terra que o tinha aprisionado, com a certeza de que estava agora debaixo do seu corpo, felicidade que nunca tinha apreciado antes. Levantou o antebraço para limpar a boca, viu a seda puída com que estava vestido e teve a estranha sensação de que algo estava errado.

Quando olhou para as mãos, não só estavam arranhadas e ensanguentadas, como... não eram as suas.

O mundo girou vertiginosamente à sua volta. Vestia roupas estranhas, uma saia grossa que lhe caía pesadamente da cintura. Observou-se ao luar: aquelas mãos mutiladas e enlameadas, aqueles seios, aqueles longos caracóis de cabelo loiro não lhe pertenciam. Aquele não era o seu corpo; era o de uma jovem cujos membros ele mal conseguia controlar. Tentou levantar-se, cambaleou e acabou no chão.

Uma luz cintilou e, a princípio, levantou o braço para proteger os olhos, não familiarizados com nada mais brilhante do que o luar ténue.

Depois, olhou diretamente para a luz.

Diante de si, estava um homem idoso de cabelos brancos, segurando uma lamparina. Olhava para ele como se tivesse visto um fantasma, como se tivesse presenciado a morte de alguém e depois se tivesse deparado com essa pessoa outra vez, a esgravar a terra para regressar à superfície.

— *Katherine?* — disse o homem.



Capítulo Um

Will subiu a margem do rio Lea e sentiu uma descarga de pavor no estômago.

No pântano, só se via destruição. O verde húmido e aromático do musgo e as ervas altas ondulantes tinham desaparecido, substituídos por uma cratera de terra desfeita com o arco quebrado no centro, como um portal de entrada para os mortos.

Teria chegado tarde demais? Estariam todos os seus amigos mortos?

James parou ao lado dele no cavalo branco como a neve dos Guardiões que Katherine abandonara. Will não se conteve e olhou para o lado para ver a sua reação. Com o cabelo loiro encoberto pelo capuz de um manto branco, James teria parecido um Guardião de outrora, cavalgando por terras antigas. Isto se não fosse jovem e se, por baixo do manto, não vestisse roupas típicas de Londres. O seu rosto não revelava nada, embora o seu olhar estivesse fixo nas ruínas que tinham sido a Fortaleza.

Com James ao seu lado, Will não se permitiu pensar no que estavam a fazer ali. Não devia ter voltado. Não devia ter

levado James com ele. Sabia que não devia. Mas fizera-o ainda assim. A cada passo que dava, o erro da sua decisão aumentava. Obrigou-se a olhar em frente e a concentrar-se nos seus amigos.

No limite da terra arrasada, os cavalos recusaram-se a avançar mais. O cavalo preto de Will, Valdithar, balançou a cabeça para cima e para baixo, as narinas dilatadas ao sentir a magia maligna. A seu lado, James tentava forçar a sua montada branca dos Guardiões a progredir, enquanto o seu cavalo londrino se empinava e puxava a corda atrás, tentando libertar-se. Os cavalos assustados e relutantes eram as únicas criaturas vivas que caminhavam pelo chão carbonizado e iluminado pelas brasas escuras, envoltas num silêncio profundo porque não havia pássaros nem insetos.

Mas a pior visão de todas foi a do portão.

A magia devia esconder a Fortaleza dos Guardiões dos olhos do mundo. Um transeunte veria apenas um arco solitário de pedra velha a desfazer-se na terra húmida. Passaria por ele, talvez até o atravessasse, mas não sairia do pântano. Apenas aqueles com o sangue dos Guardiões podiam atravessá-lo e entrar nos salões elevados e antigos da Fortaleza.

Mas o arco de pedra era agora um rasgão no mundo. De cada um dos lados estava o pântano vazio, mas dentro dele... do outro lado do arco, Will conseguia ver a Fortaleza tão clara como o dia.

Parecia errado. Uma laceração, uma fenda.

Como dedos negligentes a penetrarem numa ferida, imaginou um errante dos pântanos a meter a cabeça lá dentro, trazendo outros homens de Londres para bisbilhotar.

— As proteções desapareceram — disse James.

Sob o capuz do seu manto branco, o rosto dele permanecia sem expressão, mas a tensão do seu corpo estava a ser transmitida ao seu cavalo.

Will apertou as rédeas com mais força. As proteções não tinham apenas desaparecido; tinham sido dilaceradas pela mesma força destruidora que consumira os pântanos.

Havia apenas uma coisa capaz de ter feito aquilo.

Teria o Rei das Sombras libertado em Bowhill derrubado as proteções? Teria invadido a Fortaleza? Teria matado todos aqueles que Will conhecia?

E um pensamento mais sombrio, um medo mais profundo, insinuando-se e contorcendo-se: estaria o Rei das Sombras, neste momento, sentado na malevolência tenebrosa do seu trono, à espera para o receber?

— Vamos? — perguntou James.



A IDEIA DE CONSEGUIR SIMPLEMENTE ENTRAR ALI DENTRO deu-lhe arrepios. A Fortaleza não devia estar tão aberta, exposta ao mundo exterior. Will desejou que um Guardião atravessasse a escuridão e dissesse: «Para! Afasta-te!»

Mas ninguém apareceu.

— O único lugar que o Rei das Trevas não conseguia conquistar — disse James —, e agora pode entrar a qualquer momento.

Will não conseguiu impedir-se de olhar para James pelo canto do olho. Mas o jovem não reparou, os seus olhos azuis fixos no pátio. A mente de Will, um emaranhado de medos e suspeitas que mantinha ocultos, estava mais alerta. Ao entrar sem encontrar resistência, estaria a realizar o seu sonho, o seu desejo obscuro de tomar o último refúgio da Luz?

Tratava-se de uma forma de conquista terrível: não com as tropas das Trevas às suas costas, com as ruínas da cidadela a fumar e os seus cidadãos subjugados. Em vez disso, ele e James atravessaram os portões sozinhos, e as batalhas do passado silenciaram-se enquanto os cascos dos seus cavalos ecoavam com estrondo.

Observou as ruínas do pátio vasto e abandonado. As muralhas da imensa cidadela murada que os Guardiões consideravam a sua Fortaleza já não eram patrulhadas por guardas de vestes brancas reluzentes, e já não se ouviam os sons ténues de doces cânticos e sinos. Estava vazia, escura e solitária.

A Fortaleza agora é tua, desolada e em ruínas. Voltou o pensamento, quase com fúria, para o Rei das Trevas — a sua identidade passada. *Era isto que querias?*

A seu lado, o rosto de James permanecia impassível. Ele crescera ali e depois passara anos a tentar derrubar as suas muralhas. Estaria arrependido? Indiferente? Satisfeito? Assustado?

«Não me podes levar de volta para lá.» Fora o que James lhe dissera, deitado na pequena cama da estalagem. Parecia um bem dispendioso, e falava como um. Mas fingira ser propriedade de Simon enquanto conspirava contra ele. E, apesar da sua postura despreocupada, o convite valia apenas até certo ponto: olha, mas não toques. Quando Will lhe respondera, «Disseste que me seguias, não foi?», James sorrira com uma diversão detestável. «Os teus amiguinhos não vão gostar.»

Os seus amigos podiam estar todos mortos. Ele e James podiam ser os únicos que restavam, e essa era a mais terrível de todas as ideias. Os amigos que o conheciam como Will, que tinham gostado dele como Will, porque não sabiam o que ele descobrira em Bowhill enquanto o chão apodrecia à sua volta: que ele era o Rei das Trevas.

Um sino tocou de repente, quebrando o silêncio. James moveu-se de modo brusco em direção à parede.

— Ainda está aqui alguém — disse Will, desmontando à medida que o som se desvanecia. Mas soou como o aviso de um fantasma numa cidade morta, de tão silenciosa e sem vida que estava a Fortaleza. O silêncio afundou-se nos seus ossos com um pavor frio e esqueletal.



— Will!

Ele virou-se quando as enormes portas duplas se abriram, e viu-a descer as escadas a correr.

Ficou aliviado. Ela estava tal e qual como ele se lembrava dela, com o cabelo curto encaracolado e o rosto salpicado de sardas, vestida com as suas roupas londrinas à rapaz.

— Violet! — exclamou, quando ela saltou os últimos degraus.

Abraçaram-se; Will agarrou-se a ela com força. *Viva, estás viva.* Não era como Bowhill; o seu fracasso no Cume Negro não a tinha matado, como matara Katherine.

Era mais do que isso. Nos seus braços acolhedores, sentiu-se ancorado àquele mundo, a *Will*, após dias de viagem com James por entre os fantasmas do passado. Era uma ilusão em que ele queria tanto acreditar que prolongou o abraço por mais tempo do que deveria.

Forçou-se a largá-la, porque ela não o abraçaria se soubesse quem ele era. Atrás de Violet, viu Cyprian, a sua expressão aliviada e satisfeita enquanto descia os degraus. Vestido com as roupas de noviço, Cyprian era um exemplar da sua Ordem, com o longo cabelo castanho a escorrer-lhe pelas costas, ao estilo tradicional dos Guardiões, e o rosto belo à maneira intocável de uma estátua.

Era tão parecido com um guerreiro da Luz que, por um momento, Will pensou que ele certamente conseguiria vê-lo pelo que era, que olharia para ele, saberia e não hesitaria em informar os outros: *O Will é o Rei das Trevas.* Mas os olhos verdes de Cyprian eram calorosos.

— Will! — Violet deu-lhe um soco no ombro, naquele seu estilo característico, recuperando a sua atenção. Foi tão forte que chegou a doer, e alegrar-se com isso fê-lo sentir uma nostalgia pungente. — Porque é que te foste embora? És um idiota.

— Eu explico-te tudo... — começou Will.

— E tu — disse Violet a James, com uma familiaridade amigável e exasperada. — A tua irmã estava tão preocupada, vai ficar tão contente por te ter de volta. Estamos todos...

— Acho — respondeu James, puxando para trás o capuz do seu manto — que me confundiste com outra pessoa.

E o cavalo branco, a figura esbelta e o cabelo loiro dissolveram-se no jovem letal e requintado contra quem tinham combatido até um empate. Desmontou para os encarar com os lábios ligeiramente curvados numa expressão nobre.

A espada de Cyprian saiu a cantar da bainha. O seu olhar era letal.

— Tu.

Will estava preparado para a receção hostil que James receberia. Claro, sabia que os outros não iriam gostar. James causara a morte de todos os Guardiões na Fortaleza. Will antevira resistência; estava preparado para contar meias-verdades sobre si mesmo e falar calmamente em nome de James, que estava lá para os ajudar a deter Sinclair.

Mas na confusão frenética dos últimos dias, não tinha pensado em como Cyprian se sentiria quando visse James.

Agora, o noviço olhava para o assassino do seu irmão, o rosto exangue, as mãos estáveis apenas porque os Guardiões treinavam todos os dias, durante horas, para que a mão com que empunhavam a espada nunca estremecesse.

— Cyprian... — disse Will.

Cyprian manteve os olhos fixos em James.

— Como te atreves a voltar aqui?

— Não me vais dar uma receção calorosa? — perguntou James.

— Queres uma receção?

A espada de Cyprian já estava a mover-se num arco mortal, destinado a cortar James ao meio.

— *Não* — disse Will, enquanto o poder de James brilhava, arremessando Cyprian para trás.

Este colidiu com a parede. O seu rosto contorceu-se numa expressão de fúria, a espada bateu no chão. O ar estava carregado de estática. Cyprian tentou resistir à força invisível do poder de James, que o mantinha imóvel.

— Bem, bem — disse James, os olhos a brilhar. — Que atitude tão inóspita, maninho.

— Afasta a tua magia nojenta de mim, sua aberração — disse Cyprian.

— Para. — Interpor-se entre eles era como entrar num tornado, com o poder a açoiar o ar à sua volta. — *Eu disse para parares.*

Will conseguiu avançar, colocou uma mão contra o peito de James e fechou a outra à volta do seu pescoço. Era ligeiramente mais alto do que ele, talvez três centímetros, apenas o suficiente para que o jovem tivesse de levantar os olhos para o encarar.

— Para a tua magia — exigiu.

— Para o teu animal de estimação — respondeu James, sem tirar os olhos de Will.

Este não hesitou, agarrando James com força, o olhar fixo nas pupilas dilatadas pela magia.

— Violet, mantém-no afastado.

Atrás dele, Will ouviu Cyprian praguejar e soube que Violet estava a fazer exatamente o que ele lhe pedira. Um segundo depois, a estática desapareceu do ar. Will não largou James, nem mesmo quando ouviu a voz de Violet atrás de si. Parecia muito séria.

— Will, o que é que ele está aqui a fazer?

Will empurrou a memória de James na estalagem, prometendo segui-lo, para fora da sua mente.

— Está aqui para nos ajudar.

— Essa *coisa* não vai ajudar-nos — disse Cyprian.

— Ajudar-nos a fazer o quê? — perguntou Violet.

Will finalmente soltou James e virou-se, para ver que Violet ainda estava a prender Cyprian contra a parede de pedra na base das escadas.

— A mantermo-nos vivos — declarou James. — Quando o Sinclair chegar.

— O Sinclair? — Violet parecia cautelosa, confusa. — Não era o Simon?

Havia tanta coisa que precisava de lhe contar. Ainda conseguia sentir o cheiro pungente da terra queimada, conseguia ver a lâmina negra a sair da bainha de cada vez que fechava os olhos.

— O Simon está morto. — Will não disse mais do que isso. — É o pai dele quem estamos a combater. — Sinclair, que tinha planeado tudo. Sinclair, que acolhera James em criança e o criara para matar Guardiões. Sinclair, que dera a ordem para matar a mãe de Will.

— Morto? — repetiu Violet. Como se os Guardiões não tivessem treinado Will para fazer exatamente isso. Como se o seu confronto com Simon pudesse ter terminado de outra forma. Como se ele pudesse estar ali, vivo, se isso tivesse acontecido. — Então...

— Eu matei-o.

As palavras soaram desprovidas de emoção. Não descreviam o que tinha acontecido naquela encosta. Os pássaros a cair do céu, o sangue a borbulhar no peito de Simon. O momento em que Will olhou para cima, viu os olhos dele e soube...

— Matei os três Vestígios e depois matei-o a ele.

Sabia que soava diferente. Não podia ser o mesmo, não depois de ter cravado a espada no peito de Simon, no chão amaldiçoado onde a sua mãe sangrara até à morte anos antes. Os Reis das Trevas tinham pairado no céu como testemunhas.

— Mas... como? — perguntou-lhe Violet.

O que poderia dizer-lhe? Que Simon empunhara Ekthalion, e que ele sobrevivera à explosão porque era o seu senhor?

Ou que o fim surpreendera Simon, que ele morrera de olhos arregalados, sem entender quem o matara enquanto a sua vida se esvaía?

Tu és ele. As últimas palavras de Katherine. *Tu és o Rei das Trevas.*

— Ele tem o sangue da Senhora — disse James lentamente, cortando o silêncio. — Foi para isso que o treinaste, não foi? Para matar.

James também não sabia. Julgava-o um herói, mas a verdadeira descendente da Senhora era Katherine, que caíra morta, com o rosto petrificado como mármore branco.

— Eu conto-vos tudo — garantiu Will. — Quando entrarmos.

Só que não o faria. Katherine provaria-lhe que não podia. Ela morrera em Bowhill porque descobrira quem ele era e desembainhara a espada para o matar.

Por detrás de tudo isto, havia uma memória mais primitiva: as mãos da mãe à volta do seu pescoço, a sua necessidade aguerrida de respirar, a visão a escurecer.

Mãe, sou eu! Mãe, por favor! Mãe...

— Ele não vai pôr os pés na Fortaleza. — Cyprian tinha os olhos fixos em James.

— Precisamos dele. — Will manteve a sua voz firme.

— Ele *matou-nos*. A todos. Ele é a razão pela qual a Fortaleza está aberta...

— Precisamos dele para parar o Sinclair.

Era o que tinha planeado dizer, porque sabia que iria funcionar com Cyprian, que cumpria sempre o seu dever.

Mas era diferente agora que o noviço olhava para ele, perturbado, e Violet o observava atentamente, procurando entender.

— Ele é o assassino do Sinclair — insistiu Cyprian. — É um traidor, incapaz de sentir emoções ou remorsos. Matou o meu pai, o seu próprio pai, rasgou-o em pedaços e usou o meu irmão para o fazer...

— Olha em volta — pediu Will. — Achas que o Sinclair não virá, agora que a Fortaleza está desprotegida? A Última Chama? A Estrela Imortal? Qualquer um pode entrar aqui. — Estava a magoá-los ao trazer James. Sabia-o. A sua própria presença já era má o suficiente. Era como cuspir na cara da Fortaleza. — Querem parar o Sinclair? O James é a única forma.

Os olhos verdes de Cyprian brilharam com raiva e desamparo. No imaculado uniforme prateado dos noviços, ele parecia a encarnação de um Guardião.

Mas o tempo dos Guardiões acabara. Sem James, não resistiriam a Sinclair. Era nisso que Will tinha de se manter focado.

— Confias mesmo nele? — perguntou Violet.

— Confio.

Após um longo momento, Violet inspirou e virou-se para Cyprian.

— O James era o braço-direito do Sinclair. Se traiu o seu mestre, devíamos tirar proveito disso. O Will tem razão. O Sinclair haverá de vir à Fortaleza, é apenas uma questão de tempo até que ele chegue. Precisamos de todas as vantagens que pudermos obter.

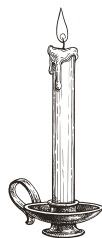
— Então é assim? — questionou Cyprian. — Vais confiar nele?

— Não — assegurou-lhe Violet. — Não confio nele de todo. E se ele tentar fazer mal a qualquer um de nós, mato-o.

— És adorável — disse James.

— Ela está a dar-te um aviso razoável — disse uma voz do cimo das escadas. — O que é mais do que tu alguma vez nos deste.

Grace estava à entrada com as suas vestes azuis de janíçaro. Era uma das duas janíçaras que tinham sobrevivido ao primeiro ataque à cidadela. A outra, Sarah, devia ser a que tinha tocado o



sino, pensou Will. Ao contrário dos outros, Grace não lhe deu as boas-vindas, nem sequer o saudou pelo nome.

— Se já acabaram de discutir — continuou —, há uma coisa que têm de ver.



— TENS MEDO DE ENFRENTAR O QUE FIZESTE? — PERGUNTOU Cyprian.

Pararam na boca aberta da entrada principal, onde a primeira das torres altas em ruínas se erguia. Em tempos, fora um labirinto interminável de arcos gigantes, câmaras abobadadas e estruturas de pedra, mas agora a cidadela era um cemitério escuro e macabro. Will e os outros tinham evitado entrar nos seus edifícios desde o massacre, mantendo-se na guarita da muralha exterior e afastados dos repulsivos corredores interiores. Já os tinham visto depois da chacina, e ninguém queria voltar a percorrê-los.

James examinou a entrada. Parecia mais parte daquele lugar antigo do que qualquer outro; a sua beleza era como um dos seus milagres perdidos. Mas curvou os lábios numa expressão de repulsa.

— Quando me expulsaram da Fortaleza, jurei que voltaria para dançar sobre os seus túmulos.

— Então obterás o que desejava — disse Grace, e desapareceu na escuridão para lá das portas.

Will não deu mais do que um passo antes de se agoniar. Levantou o braço para tapar a boca e o nariz. Os corpos tinham sido removidos, mas ainda cheirava a sangue pútrido e a decomposição, as entranhas que eles não tinham tido tempo ou estômago para limpar.

Grace esperou por ele com um pragmatismo sombrio nos olhos. Era pior para ela, pensou. Esta fora a sua casa a vida inteira. Para ele, fora apenas...

Uma pessoa que nunca poderia ser, um lar que nunca poderia ter.

Até James parou quando chegaram ao grande salão. Os corpos tinham desaparecido, mas a devastação permanecia: os estandartes rasgados, a mobília destruída, a barricada formada à pressa que falhara em proteger os Guardiões. Cyprian franziu a testa, olhando para ele.

— Estás a admirar o teu trabalho? — perguntou.

— Queres dizer o trabalho do Marcus.

James olhou para Cyprian calmamente, e Will teve de voltar a pôr-se entre eles, sentindo, enquanto os mantinha à distância, que estava a proteger James, embora este fosse uma espécie de escudo para ele. Como tenente do Rei das Trevas, era o recetáculo do seu ódio por ele.

— Por aqui. — Grace tirara uma tocha de uma das arandelas da parede. Segurou-a no alto enquanto falava, penetrando na floresta de colunas brancas do grande salão.

Ao fundo, erguiam-se os tronos dos quatro reis. Concebidos para figuras mais importantes do que qualquer rei ou rainha humanos, os tronos vazios contemplavam-nos com uma imponência perdida, marcados com os símbolos de cada reino: o sol, a rosa, a serpente e a torre.

Dirigiram-se para eles, numa procissão desconfortável.

— O Rei das Trevas queria esses quatro tronos mais do que tudo — disse James.

— Não — contrapôs Will, e, quando os outros se viraram para ele, surpreendidos, ouviram-no dizer: — No mundo dele não haveria quatro tronos. Apenas um.

Um trono pálido que se erguia para bloquear o mundo. Viu-o na sua mente, parte da visão que os Reis das Sombras lhe tinham mostrado, e no turbilhão dos seus próprios sonhos apenas vagamente recordados.

Pararam à beira de um grande abismo, de um buraco sem fundo no chão. Will apenas conseguiu ver que não era um precipício quando Grace aproximou a tocha: era o vestígio de um Rei das Sombras, a sua silhueta horripilante queimada no mármore, como um poço onde todos podiam cair. A mão estava estendida, como se tentasse alcançar o seu trono.

Will olhou para Violet. Agarrava o escudo com tanta força que tinha os nós dos dedos brancos. E depois encontrou o olhar dele, a sua expressão carregada de sombras.

Por um momento, partilharam uma compreensão silenciosa. Tal como ele tinha lutado contra os Reis das Sombras no Cume, ela enfrentara um Rei das Sombras no coração da Fortaleza. Will sentiu a mesma ligação que experienciara no momento em que ela lhe salvara a vida, tirando-o do navio que se afundava.

Quis voltar a dizer-lhe como estava feliz por a ver, que ela era a sua estrela na noite.

Que nunca tinha tido amigos na infância e que o alegrava ela ter sido a primeira. Que não queria trair essa amizade. Que lamentava que o rapaz de quem ela era amiga não fosse real.

— Quando chegou, o céu escureceu — contou-lhes Grace. — Estava tão escuro que não conseguíamos ver a mão à frente da cara. Acendemos archotes para podermos selar os cavalos, mas mesmo estes não conseguiam penetrar na escuridão. Ouvimos-los, gritos e berros, vindos do grande salão. A Violet veio aqui para lutar e dar-nos algum tempo.

Claro que Violet o fizera. Teria lutado mesmo sabendo que era inútil fazê-lo. Will lembrou-se do poder aterrorizante dos Reis das Sombras e tentou imaginar-se a enfrentar um deles apenas com uma espada.

— Estávamos a montar quando ouvimos um grito tão alto que estilhaçou todas as janelas da Fortaleza. A escuridão dissipou-se, como uma aurora repentina. Abortámos a fuga e viemos para

aqui, para o grande salão. Vimos o que estão a ver agora: o Rei das Sombras caído, o seu corpo incinerado no chão.

— Conseguiu deter um *Rei das Sombras*? — Apesar de todo o seu poder, James parecia verdadeiramente surpreendido.

— Como?

— Da mesma forma que te detenho se pisares o risco.

Violet olhou para ele sem pestanejar. James abriu a boca, mas Grace falou primeiro.

— Isto não é o nosso destino, apenas uma paragem — disse. — Vamos.

Will apercebeu-se rapidamente para onde Grace os estava a levar.

Parecia uma paródia doentia da sua primeira manhã ali, quando Grace o conduzira por aqueles mesmos corredores para ver a Anciã. A arquitetura da Fortaleza tornou-se mais envelhecida, a pedra mais espessa. Não queria voltar para lá agora, para o coração morto de um castelo morto. Os ramos pretos e mortos da Árvore de Pedra sempre o perturbaram, uma lembrança do seu fracasso que se estendia como...

... como as veias negras que percorriam o corpo de Katherine, o seu rosto branco como giz, a escuridão pétrea dos seus olhos...

E depois dobraram a esquina e ele viu a Árvore da Luz.

Renascida, refeita, como se a vida brilhasse no próprio ar. Os ramos eram iluminados por filamentos suspensos como a luz das estrelas, emanando uma claridade maravilhosa.

A Árvore era o símbolo da Senhora: vida nas trevas, afirmação do seu poder.

Não conseguia evitar; foi atraído para a frente. Era como ver os primeiros rebentos verdes num deserto desolado e, mais do que isso, uma promessa de esperança e de renovação.

— Acendeste a árvore — disse James em tom de espanto.

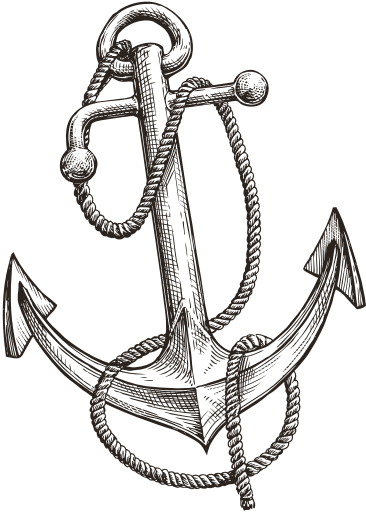
— Não — respondeu Will. — Não fui eu.

Pensou em todas as vezes que tentara fazer com que ela se acendesse. «A luz não estava na pedra, estava nela», dissera-lhe a Anciã.

Nunca estivera nele.

Era tão bonita. Aproximou-se, sem conseguir conter-se, e pôs a mão no tronco. Como a escuridão ocultava o sol, quase esperou ofuscá-la, ou que o magoasse, que lhe queimasse a carne até aos ossos. Em vez disso, sentiu o seu calor a vibrar dentro de si. Era um sonho, um conforto há muito esquecido. Fechou os olhos e permitiu que a doce felicidade da paz, do afeto e da aceitação fluísse dentro de si, desejando-a como uma criança perdida de-seja chegar a casa.

— O que fizeste à minha irmã? — perguntou-lhe uma voz infantil.



Capítulo Dois

Will afastou-se da árvore, sentindo-se culpado.

Elizabeth firmou os pés no chão e fechou as mãos em punhos. Olhava furiosamente para ele.

Ela nunca se parecera com a irmã. Katherine era linda, com caracóis dourados e os grandes olhos azuis de uma boneca de porcelana. Elizabeth tinha cabelo castanho liso e sobrancelhas escuras, repuxadas para baixo num esgar terrível. Sob o seu olhar de raiva escondia-se um medo tenso, como se tivesse adivinhado o que se passara.

Ele tinha de lhe dizer que a irmã estava morta. Não conseguia esquecer a face pálida de Katherine, atravessada por veias negras, o seu corpo frio e pétreo sob as suas mãos, e o cheiro avassalador do solo revolvido, como se fosse o sangue da terra. *Will, tenho medo.*

Tentou pensar no que ele gostaria de ouvir se trocassem de posição. Não sabia. Não tinha muita experiência em consolar os outros. Sabia apenas que Elizabeth valorizava a verdade. Por isso, deu-lha.

— Está morta — disse Will. — Morreu a enfrentar o Rei das Trevas.

Quando ele falou, a árvore ainda estava acesa. Julgou que iria tremeluzir. Katherine teria adorado aquele lugar. Ela adorava coisas bonitas. Mas não tivera a oportunidade de o ver. A Fortaleza para onde ele a levava era apenas morte e escuridão.

— Estás a mentir.

Mas não estava. Dissera-lhe a verdade, mas não o papel que desempenhara nela. Tinha consciência de que os outros o estavam a observar, ouvindo a história pela primeira vez. *Cuidado, cuidado.*

— Ela descobriu para onde eu tinha ido — disse-lhe Will — e saiu da Fortaleza à minha procura. Encontrou-me em Bowhill.

Katherine encontrara-o na terra destruída, com o sangue de Simon nas mãos. Will não fora capaz de pensar com clareza. Talvez se tivesse...

— Ela foi valente. Tentou fazer a coisa certa. Desembainhou a espada para lutar contra o Rei das Trevas. Foi ela que a matou. Nada pode sobreviver quando a espada é desembainhada.

Havia muita coisa que não lhe podia contar. Não podia contar-lhe que a irmã tinha desembainhado a espada contra ele. *Tu és ele. O Rei das Trevas.* Não lhe podia dizer que morrera em sofrimento e terror.

Tentei impedi-la e não consegui. Ela não acreditou em mim quando lhe implorei que não pegasse na espada.

— Deixei o corpo dela na quinta da minha mãe e enviei um recado ao teu tio. Ele veio com a tua tia para a enterrar.

Esperara com James na estalagem de Castleton até a família de Katherine aparecer: o tio e dois homens que Will não reconheceu, a sair de uma carruagem alugada. Observara-os de longe, certo de que não o podiam ver. Entraram em casa da sua mãe e transportaram Katherine para fora, sob o céu cinzento, num cortejo fúnebre.

Fora como o fim de uma outra vida. Desde a primeira vez que a vira, à procura de uma carruagem em Bond Street, ela fizera parte do sonho do que poderia ter sido: uma fantasia de amor, esperança e família. E, naquele cume despedaçado, pensara que esse era um sonho que nunca mais voltaria a ter.

— Porque continuas vivo? — perguntou-lhe Elizabeth. Tinha os olhos vermelhos e os punhos cerrados.

Os pelos de Will eriçaram-se nos seus braços.

— O quê?

— Porque continuas vivo? Nada sobrevive quando a espada é desembainhada.

A sua lógica infantil implacável atravessou-o. Elizabeth tinha uma expressão obstinada no rosto. Will lembrou-se de que ela também o confrontara naquela noite. *Eu sabia que ias tentar escapulir-te. És um mentiroso.* Respondeu com cautela.

— Eu consigo tocar-lhe. Já o fiz antes. Num barco. — Não lhe podia dizer porquê. Os outros estavam presentes, a ouvir.

— Estás a mentir. Fizeste-lhe alguma coisa — insistiu ela.

— Elizabeth — disse Violet gentilmente, dando um passo em direção à criança —, o Will contou-te o que aconteceu. Ele tê-lo-ia impedido se pudesse. Qualquer um de nós o teria feito.

— Foste a Londres à procura dela. — Elizabeth cerrou os punhos com mais força. — Foste atrás dela.

— A culpa não é dele — assegurou-lhe Violet.

— A culpa é dele, sim — rebateu Elizabeth, olhando para ele. Todo o seu corpo tremia. — Se não fosse por ele, ela não teria vindo para cá. Ele não se importava com a Katherine, só precisava dela para chegar até ao Simon! Obrigou-a a vir para cá, obrigou-a a segui-lo! — A rapariga franziu o rosto, atirando-lhe as palavras. — Se não te tivesse conhecido, não estaria morta!

Agarrou a saia com as mãos e saiu a correr da câmara.

— Elizabeth... — chamou Will, tentando ir atrás dela, mas Grace impediu-o. Sarah apressou-se a segui-la.

— Deixa-a ir — aconselhou Grace. — Não há nada que lhe possas dizer. Ela perdeu a irmã.

Katherine também fora irmã dele, ou o mais parecido com uma irmã que ele alguma vez tivera, mas essas eram palavras que não podia dizer. Fechou os olhos fugazmente.

— Eu só... — Sentira-se tão só nos dias que se seguiram à morte da mãe, sem saber o que fazer. Lembrou-se daquela primeira noite, encolhido no buraco de um tronco de árvore, agarrado à sua mão ferida. — Ela não devia ficar sozinha.

— A Sarah fica com ela — disse-lhe Grace. Ficaram implícitas as palavras: *Ela não devia ficar com o homem que julga ter assassinado a irmã.*

Will sabia que não devia ser ele a ir atrás dela. Compreendia que era errado. Mas as irmãs Kent eram filhas da sua mãe... as suas verdadeiras filhas. Olhou para a luz na árvore e sentiu o vazio doloroso que deveria ser preenchido pela sua família.

— A Elizabeth acendeu a árvore, não foi?

Violet assentiu.

— Foi quando nos escondemos aqui, quase por acidente. Ela tropeçou e tocou na árvore, e ela começou a brilhar.

— Foi a *rapariga* quem fez isto? — perguntou James.

Cyprian e Violet trocaram um olhar; a presença de James ali, à vista dos seus segredos, deixava-os desconfortáveis. Will ignorou-o. Tinha contado a verdade a James deliberadamente.

— Ela tem o sangue da Senhora — disse Will. — Como a Katherine.

— Como tu — respondeu Grace.

Ela continuava sem perceber. Nenhum deles percebia. Talvez a ideia de que Will pudesse ser o monstro fosse demasiado terrível para eles.

Conseguia sentir as mãos da mãe à volta do pescoço. *Não faças mal às minhas meninas.*

— Se a Elizabeth tem o sangue da Senhora, talvez faça parte da tua família. Uma prima, uma irmã — aventou Grace. — A tua mãe nunca te falou de outro filho?

Ela estava a aproximar-se demasiado da verdade.

— Nunca me disse nada.

Apenas no final. Will forçou-se a virar as costas à árvore, fechando o punho sobre a cicatriz na palma da mão e deixando a luz para trás.

— Já vimos o que querias que eu visse.

Deu um passo em direção à porta, apenas para ser parado por uma mão no ombro.

— Não — disse Grace, detendo-o novamente. — Não te trouxe aqui para veres a Árvore da Luz. É outra coisa.

Outra coisa?

Ao lado dela, Violet e Cyprian pareciam tão surpreendidos quanto ele. Mas Grace não explicou nada; limitou-se a esperar, observando-o com expectativa.

— Will — disse por fim, após um longo silêncio. — O que tenho para te mostrar é um dos assuntos mais privados da Fortaleza.

Não entrou em pormenores. Os seus olhos não pousaram em James, mas não havia dúvida de que ele era a causa de ela se estar a conter. O amante do Rei das Trevas, encostado à porta.

— Estás a pôr-me na rua? — perguntou ele, educadamente, franzindo o cenho.

— Não. Estamos nisto juntos — disse Will, e os olhos de James brilharam de surpresa. — Todos nós.

Cyprian e Violet trocaram um olhar. Will olhou fixamente para os seus amigos.

— Muito bem — foi tudo o que Grace disse.



Caminhou até à parede oposta, levantou as mãos e colocou-as sobre a pedra. Os seus dedos encaixaram nas marcas suaves, como se muitas mãos antes das suas tivessem tocado naqueles pontos, desgastando a pedra.

— É isto que quero que vejas — disse-lhe Grace. — Não a árvore, mas o que está por baixo.

— Por baixo? — perguntou Will.

Grace pressionou a parede e, com o som rangente de maquinaria antiga, as pedras abriram-se sob os seus pés, até que se viu perante degraus estreitos que desciam interminavelmente.

— Nunca tinha ouvido falar de uma câmara debaixo desta. — Cyprian deu um passo atrás.

— Só a Anciã e os seus janízaros é que sabiam — explicou Grace, fazendo sinal a Will para que descesse. — É um dos últimos segredos da Luz, um lembrete de que vemos apenas uma pequena parte do que existe.

Will foi primeiro, com o coração a bater de forma estranha. A meio da descida, parou espantado com o que viu.

Uma luz translúcida tingia as paredes, o teto abobadado, até o ar, escapando das raízes retorcidas e suavemente iluminadas da árvore, mil fios brilhantes de luz a banhar a divisão. Uma paz serena e calorosa pairava na atmosfera, como se a luz estonteante pudesse nutrir e restaurar, curar tudo aquilo em que tocava.

— Achava que sabia tudo sobre a Fortaleza — disse Cyprian atrás dele, numa reverência intrigada.

— Achavas? — perguntou Grace. — A Luz ainda tem os seus milagres, depois deste tempo todo.

No centro do espaço, havia um simples pedestal com palavras inscritas na língua antiga. Acima dele, estavam suspensas as raízes da árvore como estalactites brilhantes. Will aproximou-se e passou as pontas dos dedos sobre as palavras.



— O passado grita — leu baixinho —, mas o presente não ouve.

Foi percorrido por um arrepio.

Havia uma pequena arca de pedra no pedestal. A sua atenção foi atraída para ela. O cofre de pedra era muito modesto, e a árvore por cima dele, monumental.

— O que tem lá dentro? — perguntou.

— A Pedra Anciã — disse Grace.

Mal se apercebia dos outros, descendo atrás dele. Conseguia sentir a santidade do espaço, um local de grande poder, e, no entanto, não era capaz de tirar os olhos do cofre.

Avançou um passo em direção a ele.

— O que faz?

— Não sei. Nunca a vi — respondeu Grace simplesmente.

Will olhou para ela, surpreso.

— Nunca a viste?

— É a relíquia mais importante da Fortaleza, transmitida de um Ancião para o próximo — explicou Grace. — Apenas os Anciões conseguem abrir a arca.

O ar em torno deles tinha o seu próprio sabor, o seu próprio gosto, perceptível mesmo sob a luz vibrante das raízes da árvore. Violet e Cyprian não pareceram reparar nisso. Até Grace parecia alheada. *Não o sentem?*, quase perguntou. Apenas James reagiu ao cofre de pedra como ele: tinha os olhos fixos no objeto, a respiração superficial.

— É magia — disse, e Will perguntou-se se era essa a sensação, como um arrepio sob a pele, nervoso e excitante.

Grace apontou para o cofre.

— Ela pediu que to déssemos.

— A *mim*? — perguntou Will.

— Quando a Árvore da Luz começasse a brilhar.

Claro que sim. A Anciã acreditara que ele era o descendente da Senhora. Deixara a Pedra Anciã para aquele que acendesse a árvore, e ele aceitá-la-ia sob uma falsa premissa, como aceitara tudo o resto.

Viu os outros à sua espera. Violet era a mais próxima das escadas, com Cyprian ao seu lado e James um passo adiante. Estavam todos a olhar para ele com níveis variados de confiança e antecipação.

Will aproximou-se e abriu a tampa do cofre.

A Pedra Anciã estava lá dentro, um fragmento de quartzo branco e baço do tamanho de uma moeda de meio centavo. Não havia nada de especial nela. Mas depois, começou a brilhar.

Partículas de luz pareciam flutuar na superfície da pedra, e Will sentiu um espanto doloroso quando elas se aglutinaram numa silhueta que ele reconheceu. Vestes brancas e longos cabelos brancos, transparentes mas visíveis, irradiando luminosidade.

A seu lado, Grace prendeu a respiração, e Cyprian soltou um som ao ver a líder da sua Ordem, considerada morta, cujo corpo ardera na pira, lançando faíscas na noite.

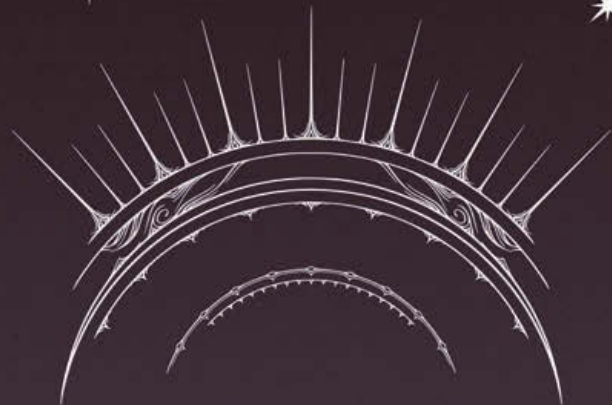
A Anciã.

Sorriu com a expressão gentil que Will conhecia tão bem, e o sentimento cresceu dentro dele até se tornar afitivo.

— Will — disse ela. — Se a Grace te trouxe à Pedra Anciã, isso significa que a Árvore da Luz começou a brilhar.

Ela não sabia. Lutou contra o desejo de lhe contar, de implorar o seu perdão, de se ajoelhar perante ela e baixar a cabeça, para que ela pudesse pousar-lhe a mão no cabelo e dizer...

O quê? Que o aceitava como era? Que lhe perdoava? Estúpido, estúpido. Ele conhecia bem o perigo de querer a aceitação de uma mãe.



AS TREVAS NUNCA VÃO SUCUMBIR.
AGUARDAM QUE O MUNDO AS ESQUEÇA,
PARA VOLTAREM A ASCENDER.



DARK RISE: LIVRO 2



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.tiktok.com/@seekthebutterfly)

ISBN: 978-989-583-317-7



9 789895 833177

